

Exposições Curriculares do curso de Museologia da UFMG: experiências e desafios¹

Curriculum Expositions of the Museology Course at UFMG: experiences and challenges

Verona Campos Segantini²
 Giovanna Giovanelli Tacconi Gimenez³
 Dalva Rejani dos Reis Pereira⁴
 Lucas Ferreira de Vasconcellos⁵
 Elizabeth Castro Moreno⁶
 Isabela Leão Magalhães⁷
 Cristiane Calheiros Lei⁸
 Isabelle Iennaco⁹

¹ Esse artigo é também resultado de projetos que contam com o apoio do CNPq, da Fapemig e das Pró-reitorias de Pesquisa, de Ensino e de Extensão da UFMG.

² Verona Campos Segantini é graduada em História pela UFMG e Design de Ambientes pela UEMG. Doutora e Mestre em Educação pela UFMG. Professora Adjunta da Escola de Belas Artes. Atua no Curso de Graduação em Museologia e no Mestrado profissional em Educação (Promestre/FaE). Realizou vários projetos de exposições nos museus universitários e coordenou o Núcleo de Expografia do Espaço do Conhecimento UFMG e o Campus Cultural UFMG em Tiradentes vinculado à Pró-reitoria de Cultura da UFMG entre 2019 e 2022. Participou do *Scholarship Programme for Young Professors and Researchers from Latin American Universities* (Coimbra Group) na Universidade de Pádua. Coordenou a Rede de Professores e Pesquisadores em Museologia e atualmente presidente da Fundação Rodrigo Mello Franco de Andrade, a fundação de apoio à cultura da UFMG.

³ Giovanna Giovanelli Tacconi Gimenez é bacharel em Museologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (2021) e Técnica em Administração pelo SEBRAE/MG (2015). Atualmente é bolsista de apoio técnico na modalidade BDCTI pela FAPEMIG, atuando na pesquisa, produção e ilustração de documentos referentes aos viajantes naturalistas no século XVII. Já foi estagiária do Centro de Memória da Justiça Federal de Minas Gerais (2020) atuando na montagem e mediação de exposições, bem como na documentação de acervos. Também foi bolsista de Iniciação Científica pela Rede de Museus da UFMG (2018), em projetos de mapeamento de coleções universitárias e mediação de exposição.

⁴ Dalva Rejani dos Reis Pereira é Museóloga, Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade - Pipaus/UFSJ. Especialista em Educação Patrimonial pelo Instituto Pretos Novos/Unifatec. Faz parte do Grupo de pesquisa CNPQ/ Universidade Federal de Ouro Preto - Tema da pesquisa: Preservação e seus meios, linha da pesquisa: Gestão e identidade territorial: práticas polifônicas, desde 2020. Atuou no MUQUIFU como voluntária e pesquisadora na elaboração da monografia de graduação do curso de Museologia, da UFOP (Museu dos Quilombos e Favelas Urbanas – MUQUIFU: a formação do acervo de um museu de território/2015).

⁵ Lucas Ferreira de Vasconcellos é Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG (2022) e graduado em Museologia pela mesma Universidade (2019). Participou do Programa de Intercâmbio Minas Mundi (UFMG) na Escola de Artes da Universidade de Évora (2016-2017). Como pesquisador, atua no campo das Artes, Museologia e Patrimônio Cultural com pesquisa sobre a relação entre o tempo histórico, arte contemporânea e narrativas de memória em exposições.

⁶ Elizabeth Castro Moreno é Museóloga, formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (2020), Mestre e Doutora em Ciências (1984/2002), Bacharel e Licenciada em Ciências Biológicas (1980), também pela UFMG. Possui experiência no desenvolvimento de pesquisas e elaboração de projetos, com artigos publicados nas áreas de conhecimento da Epidemiologia e também em Museologia. Na área da saúde coletiva, atuou como pesquisadora, docente de nível superior, parecerista de revistas científicas, membro de bancas de doutorado, mestrado e trabalhos de conclusão de curso. Foi estagiária e monitora na Escola de Ciência da Informação e na Escola de Belas Artes da UFMG, tendo prestado serviço voluntário na Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte.

⁷ Isabela Leão é Museóloga formada pela Universidade Federal de Minas Gerais, foi bolsista de extensão e iniciação científica no Centro de Memória da Escola de Enfermagem e Centro de Memória da Arquitetura da UFMG. Hoje, atua no Centro de Memória Manoel Hygino dos Santos da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte.

⁸ Cristiane Calheiros Lei é Pós-graduanda em Gestão e Projetos de Patrimônio pela UEMG/IEPHA. Graduada em Medicina Veterinária pela UFMS, e graduanda em museologia pela UFMG.

⁹ Isabelle Iennaco é estudante de Museologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) é bolsista

Resumo

Este artigo provoca reflexões a respeito das exposições desenvolvidas na esfera do Curso de Museologia na UFMG, a partir da partilha das experiências de concepção e montagem de exposições desde a implantação do Curso, em 2010, no âmbito do ReUni (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais). O Curso de Museologia da UFMG tem como particularidade ser uma formação inter-unidades, que se configura na parceria entre a Escola de Ciência da Informação e a Escola de Belas Artes com a oferta de atividades curriculares que envolvem docentes de várias áreas do conhecimento. A reflexão proposta tem como objeto discutir as estratégias curatoriais a partir das temáticas, acervos e formas de extroversão e comunicação museológica já vivenciadas nas exposições curriculares realizadas desde o ano de 2013.

Palavras-chave

Exposições curriculares; curso de Museologia; patrimônio universitário; coleções.

Abstract

This article brings reflections about exhibitions developed within the scope of the Museology Course at UFMG, from the sharing of experiences of designing and setting up exhibitions since the creation of the Course, in 2010, within the context of ReUni (Restructuring and Expansion of Federal Universities). The UFMG Museology Course has the particularity of being an inter-unit formation, that takes shape in the partnership between the academic units School of Information Science and School of Fine Arts with the offer of curricular activities that involve professors from several areas of knowledge. The proposed reflection has as its guiding object the report of the activities lived in the curricular exhibitions from the year 2013 to 2022.

Keywords

Curriculum exhibitions; Museology class; university archives; collections.

Apresentação

Durante a graduação os estudantes do Curso de Museologia da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) perpassam conteúdos e experiências formativas em diversas áreas incluindo a pesquisa, a salvaguarda e a comunicação museológica que se desdobram em disciplinas específicas dedicadas às discussões sobre documentação, conservação preventiva, exposição, público de museu, ações educativas e tecnologias expositivas. O curso de Museologia se propõe a “(...) formar museólogos capazes de entender as relações entre o homem e a cultura na sociedade, nos seus contextos espacial e temporal, de modo a intervir de maneira responsável, nos processos de identificação, musealização, preservação e uso do patrimônio, seja ele material ou imaterial”.¹⁰

As exposições curriculares são desenvolvidas no âmbito das disciplinas Exposição Museológica I e Exposição Museológica II, oferecidas para estudantes matriculados no 5º e 6º semestre do curso e totalizam 120 horas de carga didática contabilizadas em atividades práticas e teóricas. As disciplinas são organizadas de forma que os estudantes experimentem as etapas de concepção, planejamento e montagem da exposição e, para cada uma delas, são mobilizadas metodologias adaptadas às especificidades e demandas de cada processo.

Inicialmente, no presente texto, partilhamos as estratégias metodológicas que se articulam ao longo do processo. A definição de uma proposta expositiva, geralmente, se dá a partir de duas abordagens distintas. Na primeira, a concepção é catalisada a partir de uma questão ou gatilho que esteja suscitando

do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) na modalidade de iniciação científica, estudando acerca dos naturalistas que viajavam para o Brasil no período do século XVIII.

10 Maiores informações sobre o Curso de Museologia da UFMG em: <https://ufmg.br/cursos/graduacao/2348/87378>

debates na universidade ou em um contexto mais amplo. De forma distinta, o processo também pode ser iniciado a partir do desejo de se pensar a extroversão de uma determinada coleção, acervo, ou patrimônio reconhecido ou por uma realidade específica que demande ações de musealização. Contudo, em todos os processos expositivos experimentados, esses dois caminhos convergem para a conformação de uma proposta curatorial e construção de uma narrativa expositiva que mobiliza ações de investigação, de seleção de acervos e de estratégias de interlocução com diferentes públicos.

Dessa forma, a primeira oferta da disciplina inicia-se, geralmente, com a definição de um tema que poderá ser articulado aos trabalhos desenvolvidos no semestre anterior, na disciplina de Museografia II ou mesmo com a proposição de uma temática diversa. Nesse sentido, é necessário acolher propostas, buscar articulação entre elas e, sobretudo, refletir sobre sua viabilidade, possibilidades e formas de abordagem a partir de questões museológicas.

Nesta primeira fase utilizamos como estratégia a construção de um *briefing* que reúne informações relevantes que ajudarão na conformação da proposta mobilizando os estudantes a pensarem, em grupos, um problema a ser abordado, nos objetivos, no elenco de demandas, na definição de um público prioritário, na possibilidade de parceria com outros proponentes, no espaço expositivo que melhor se adequa à proposta e, por fim, que haja uma previsão de custos e prazo para a boa execução da exposição. A elaboração desse documento ajuda a orientar a definição de um tema que apresente pertinência, relevância, adequação em relação aos custos e prazos e os desafios e potencialidades a partir de determinado conceito¹¹.

É importante registrar que compreendemos a exposição como processo de investigação, seja a partir da pesquisa em relação a determinado tema ou ainda como possibilidade de mobilizar diferentes técnicas expositivas. Esta ideia é apoiada nas discussões e experiências curatoriais da pesquisadora Inês Moreira (2014) e também em Juan Carlos Rico (2015) que se propõe a pensar sobre a complexidade da relação intrínseca aos museus ou espaços de exibição: conteúdo, “contenedor” e público.

Essa proposta traz complexidade às atividades que envolvem o fazer expositivo. Ao anunciar essa direção, conseguimos romper com certa lógica linear que, muitas vezes, apresenta-se nas instituições de salvaguarda. As exposições, em muitos casos, são interpretadas como uma consequência finalística da atividade de pesquisa que se operou sobre um acervo ou tema. Nessa perspectiva, seriam um desenrolar de soluções técnicas para um conjunto de informações e conceitos já estabelecidos (SEGANTINI, 2019).

Ampliando essa perspectiva buscamos ressaltar que todo o processo de concepção orienta-se a partir de uma problemática que irá mobilizar processos de investigação relativos ao tema e aos acervos mas também às técnicas expositivas que serão elaboradas. Após a definição do tema, que acontece, geralmente a partir de processos de votação entre estudantes, parte-se do *briefing* inicial já elaborado por um grupo, somando-se outras informações relevantes como, por exemplo, a pesquisa de referências e exposições análogas e inicia-se, de fato, um processo coletivo de concepção. A partir das contribuições de cada envolvido,

¹¹ As etapas propostas para a concepção e execução de uma exposição no contexto do ensino de expo-
grafia baseia-se na metodologia de desenvolvimento de projetos do campo do Design de Ambientes, mais
especificamente aquela empregada em disciplinas de Prática Projetual (MOREIRA, 2008). Contudo, foram
realizadas as adaptações necessárias para o contexto específico da museologia.

vão se desenhando possibilidades de abordagens e eixos que irão repercutir, posteriormente, os módulos expositivos.

Nesse processo, torna-se fundamental a definição dos acervos e coleções que serão mobilizados ou a seleção de acervos – caso este já tenha sido previamente definido – a partir dos interesses que estão orientando a construção da narrativa expositiva. Para que essa curadoria de acervo possa ser desenvolvida, são realizadas visitas técnicas em diferentes instituições, sejam museus, bibliotecas e arquivos ou até mesmo espaços ainda não reconhecidos como locais de salvaguarda, como departamentos, gabinetes, laboratórios, etc. Esse movimento, que apresenta muitos desafios, é uma das etapas mais importantes e que requer o trabalho de pesquisa e seleção de acervos, muitas vezes carentes de informação associada, exigindo a elaboração de instrumentos de organização específicos.

Após a finalização do *briefing*, a definição mais precisa de um conceito curatorial e a finalização da etapa de seleção do acervo, inicia-se o processo de construção de um conceito expográfico que envolve a criação de uma identidade visual e a definição das formas, técnicas e materiais expositivos a serem mobilizados. Consideramos também essa construção como um processo de investigação das técnicas e estratégias expositivas. Dessa forma, o conceito curatorial e expográfico devem estar coerentes e, a partir dessa convergência, são reforçados o propósito e objetivos da exposição.

Nesta fase, ainda de concepção, a partir da definição dos módulos ou eixos de abordagem, pensa-se na construção de uma forma expositiva, a partir de um exercício de setorização, ou seja, com a criação de uma correspondência entre a narrativa expositiva, os módulos temáticos, os acervos e o espaço expográfico. É também, nesse momento, que se articulam aparatos ou soluções expositivas concebidas a partir de repertórios de imagens de referência e recursos técnicos compartilhados entre estudantes. São considerados, para a construção do projeto básico da exposição, aspectos relativos à circulação e a hierarquização que se quer construir a partir de informações, textos, arquivos e outros recursos expositivos. Também consideram-se aspectos relativos à segurança e preservação dos acervos. Desse exercício, geralmente, se extrai um layout inicial e o desenvolvimento de croquis, de modelagem tridimensional e que poderá sofrer, ainda, ajustes ao longo do processo. Neste momento, são mobilizados conhecimentos de outros cursos, como arquitetura e design, que contribuem com investigação sobre as possibilidades e limites do espaço que abrigará a exposição.

Acompanha esse processo de concepção, a criação de uma identidade visual, geralmente com o apoio de estudantes de outros cursos da UFMG. Essa identidade, criada a partir dos conceitos curatorial e expográfico, contribui para reforçar a coerência visual e argumentativa da exposição. Após essa definição passa-se para o desenvolvimento das peças gráficas da exposição tanto aquelas utilizadas como veículos de divulgação, como *flyers*, cartazes e *posts* para as mídias digitais, quanto aquelas que serão instalados na exposição como textos de apresentação e para cada um dos módulos, legendas técnicas e legendas expandidas.

Após essa etapa inicia-se a pré-produção e produção da exposição, que envolve o planejamento de ações tais como orçamento e aquisição de materiais, formalização de empréstimo de acervos e outros equipamentos necessários, definição do cronograma de montagem, organização da inauguração e outros procedimentos que se fizerem necessários. Geralmente, nessa fase, o grupo de

estudantes se organiza a partir de tarefas referentes ao acervo, ao planejamento da montagem e às ações de comunicação.

Vale destacar que embora a concepção, o planejamento e a montagem da exposição curricular sejam de responsabilidade da disciplina de Exposição Museológica, outras atividades acadêmicas curriculares colaboram com o processo, sejam a partir de disciplinas optativas, que privilegiam, geralmente, a concepção de ações educativas, avaliação e pesquisa de público ou obrigatórias, tais como Museus e Pesquisa Histórica em Museus e Conservação em Museus. A partir do diálogo com esta última são aplicados os conhecimentos advindos da conservação preventiva, o reconhecimento das técnicas e materiais, a identificação do estado de conservação e a preparação do acervo para a exposição, envolvendo o planejamento de acondicionamento, transporte, manuseio, montagem e acompanhamento ao longo do período expositivo. Dessa forma, privilegia-se uma abordagem interdisciplinar que permitirá uma formação mais consolidada aos estudantes compreendendo processos articulados que envolvem a criação de uma exposição e, de certa forma, antecipam desafios e experiências que serão vivenciados no exercício da profissão.

Acervos, espaços e experiências expositivas

Desde 2013, quando foram iniciadas as ofertas das disciplinas de expo-
grafia, já foram realizadas 9 exposições, sendo duas delas, nos anos de 2020 e
2021, realizadas em um contexto virtual, devido à pandemia de Covid-19. Um
dos aspectos que perpassou grande parte dos processos curatoriais e de concepção da exposição é de serem privilegiados acervos e coleções disponíveis no âmbito da Universidade ou provocar o diálogo entre esses e outros acervos e espaços museológicos e culturais da cidade.

A mobilização de coleções que estão sob guarda da universidade permite a extroversão e a valorização de um rico e diversificado patrimônio produzido no âmbito de atividades inerentes à instituição, ou seja: do ensino, da pesquisa e da extensão. Muitos desses acervos ainda não tiveram seu valor patrimonial – que referencia a história da universidade – reconhecido. As exposições curriculares, desse modo, acabam por catalisar processos de musealização e de salvaguarda. Por outro lado, o processo de extroversão torna coleções mais visíveis, conferem a possibilidade de interlocução com diferentes públicos não restritos à universidade, e repercutem também em ações de pesquisa, documentação e salvaguarda sobre os acervos, muitas vezes garantindo a permanência de bens culturais que corriam riscos iminentes de descarte.

Outro aspecto que se torna muito favorável no processo de concepção e sobretudo de seleção, pesquisa e documentação do acervo é o fato de muitos estudantes, ao longo da graduação, terem a experiência de atuar como estagiários ou bolsistas de iniciação científica e extensão nos espaços da Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura da UFMG que atualmente reúne 25 espaços culturais, museológicos, centros de memória e documentação (MARQUES; SEGANTINI, 2015). Nesse sentido, a experiência nesses lugares e a concepção da exposição se complementam e tornam mais potente a aprendizagem dos processos e atividades de documentação, catalogação, preservação e organização de acervos. Essas experiências são acolhidas no processo de concepção de exposições e colaboram nos processos expográficos, bem como a vivência de montagem repercute em ações desenvolvidas no âmbito desses espaços de valorização do patrimônio universitário.

O curso de Museologia da UFMG não dispõe de lugar fixo ou uma sala própria para realização das exposições curriculares. Embora no início do curso este fosse um desejo dos docentes e dos alunos, as experiências que se desdobram com a realização das exposições em diferentes lugares, mostra a potencialidade de usos ao se privilegiar outros espaços além de um prescrito e determinado. Dessa forma, foi possível experimentar, ao longo dos anos, a concepção e a montagem de exposições em locais não convencionais, como galerias de metrô, antigos teatros e até mesmo intervenções nos prédios e unidades acadêmicas da universidade.

Dessa forma, a cada novo processo de concepção, a partir dos desafios que se anunciam, podem ser experimentadas novas formas e soluções expositivas, mobilizar diferentes técnicas, vivenciar outros espaços e mesmo subverter os usos propondo intervenções temporárias. Nesse sentido, sublinha-se nossa diretriz de se compreender a concepção e o desenvolvimento da exposição como processos de investigação que mobiliza repertório técnico, conceitual e teórico. Buscando refletir sobre esses aspectos vamos apresentar as experiências que se materializaram em exposições curriculares desenvolvidas desde o ano de 2013.

Museologia Social e a conformação de um espaço museal no Aglomerado Santa Lúcia

Pode-se dizer que a primeira experiência de concepção de uma exposição no âmbito do Curso de Museologia foi realizada em 2013 em parceria com o Museu dos Quilombos e Favelas Urbanas - MUQUIFU, localizado no aglomerado Santa Lúcia em Belo Horizonte, que, naquele momento, ainda estava em processo de implantação¹².

Era um momento complexo na vida dos moradores do local. A favela, formada por cinco vilas – Esperança, Santa Rita, São Bento, Estrela e Santa Lúcia – sofria um processo de gentrificação urbana em Belo Horizonte e estava sob a iminência de ter duas das cinco vilas extintas – São Bento e Esperança. As casas seriam demolidas para dar lugar a uma grande avenida. Atualmente, esse processo já concluído, provocou a mudança de muitos moradores do aglomerado para outros pontos de Belo Horizonte e cidades do interior de Minas Gerais. É neste contexto, de trauma e esgarçamento do território, da identidade e das memórias desses moradores, que é criado o Museu. Pode-se dizer, portanto, que o MUQUIFU é resultante de ações de resistência e de reflexão da comunidade que busca trazer à tona e colocar em discussão problemas ligados à violência, educação, saúde, preconceito, discriminação racial e moradia.

A proposta metodológica de concepção de uma ação de intervenção ex-pográfica em uma edificação em processo de transformação em espaço museal, localizado no coração do Morro do Papagaio, teve como prioridade o envolvimento da comunidade, para que a mesma participasse das decisões e etapas do trabalho. Opinando e partilhando suas vivências, histórias e narrativas sobre a vida no Aglomerado Santa Lúcia, os moradores foram trazendo elementos de como a comunidade deveria ser representada. Foram realizadas entrevistas,

12 Embora esta possa ser considerada a primeira exposição finalizada outros dois exercícios expositivos foram realizados, em 2012 e no primeiro semestre de 2013, pela primeira turma do Curso de Museologia que resultaram em uma mostra MUSEO(EXPO)LOGIA de trabalhos realizados na disciplina Exposição Museológica I e em um pré-projeto de exposição para o Museu Vivo Memória Gráfica, instalado no Centro Cultural da UFMG

visitas, e conversas informais com os moradores do aglomerado. A partir dessa experiência de imersão na favela os alunos, pouco a pouco, se envolveram e fomentaram ideias que se concretizaram na exposição.

Durante a montagem das exposições a comunidade, de forma colaborativa, se envolveu a partir de doações e empréstimos de objetos, fotografias e outros registros de vida e do aglomerado. As salas e paredes vazias do MU-QUIFU, muitas ainda em construção, foram ganhando forma e mostrando aspectos da comunidade e sua forma de salvaguardar a memória. Nesse processo de concepção foram também montadas as exposições de fotografias “*Janelas, Histórias e Memórias em Extinção*” do fotógrafo Marcos Mendes; “*Esperança, a vila que nunca existiu?*” e “*Muro, o lado de cá*” do Projeto Imaginário Coletivo do fotógrafo Jorge Quintão e “*Meu Reino sem Folia*”, com fotografias de Bianca Sá, que rememorou as tradições do congado e do reisado no aglomerado.

A montagem dessas exposições foi um marco inaugural do Museu integrada na programação da Sétima Primavera dos Museus, evento promovido anualmente, no mês de setembro, pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM.

Pode-se perceber que o trabalho se configurou como uma prática da museologia social, que abrange os conceitos de território, patrimônio e comunidade. Ao se fazer uma análise do processo de criação da exposição é notório também sua característica transdisciplinar e os diálogos que foram estabelecidos com outras áreas do conhecimento como a Geografia, a História, a Sociologia e a Antropologia. Foi também mobilizada uma perspectiva inovadora para as ações de preservação e difusão do patrimônio cultural, dando relevo ao acervo material e ao patrimônio imaterial da comunidade, em suas diversas expressões no Aglomerado Santa Lúcia.

As reflexões sobre a dimensão desta experiência se expandem até hoje. Pode-se traçar uma relação direta com a nova definição de museus aprovada em agosto de 2022, em Praga, na República Tcheca, durante a 26ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus/ICOM. Mais do que uma oportunidade para realizar um exercício para a utilização de técnicas e processos expositivos, experimentava-se ali toda a dimensão deste novo conceito. A relevância do projeto também pode ser evidenciada com a itinerância da exposição na Universidade de Pádua, no *Dipartimento dei Beni Culturali: Archeologia, Storia Dell'Arte, Del cinema e della Musica* no Palácio Liviano, em janeiro de 2014. Essa experiência, que contou com o apoio da UFMG e da Universidade de Pádua, envolveu a participação de professores, de seis alunos do Curso de Museologia e dois artistas do Aglomerado¹³.

Belo Horizonte e a universidade: memória, acervos e movimentos sociais

Em 2015, foi inaugurada a segunda exposição curricular, “*Cotidiano em Registro*” em um contexto de comemoração dos 65 anos da Escola de Ciência da Informação da UFMG. A iniciativa da exposição referia-se às transformações que a unidade acadêmica experimentava com a chegada de estudantes dos Cursos de Museologia e Arquivologia, implantados no âmbito do ReUni. Dessa forma, a exposição foi idealizada como uma forma de reflexão da trajetória da

13 Em 2014, a mesma turma também desenvolveu no âmbito da disciplina Exposição Museológica II a exposição *Curiosidades de Gabinetes: o mundo pelo buraco da fechadura*, que buscou refletir sobre as coleções presentes nos gabinetes de professores da UFMG. Não há muitos registros da exposição que foi coordenada pelos professores Letícia Julião, Paulo Sabino e a professora substituta Nathalia Larsen.

Escola de Biblioteconomia, depois Escola de Ciência da Informação até aquele momento e, para isso, a concepção do projeto curatorial e expográfico perpassou a ideia de produzir intervenções no prédio, geralmente utilizado como lugar de passagem e comunicação entre outras unidades acadêmicas.

Naquele contexto, o Laboratório de Expografia ainda não dispunha de muitos recursos expositivos e equipamentos e, como desafio expositivo, optou-se por experimentar outros suportes e formas exibição. Nesse sentido, nos inspiramos na proposta de exposições em lugares não convencionais e experiências análogas desenvolvidas nos projetos da professora, pesquisadora e curadora Inês Moreira¹⁴. Foram transgredidos os usos de mobiliários antigos, muitos dos quais estavam em depósitos esperando o desfazimento de bens da universidade. Mesas de trabalho, escrivaninhas, armários, etc. foram transformados em vitrines e suportes expositivos. Também foram incorporadas à exposição pilhas de cadeiras antigas que estavam acondicionadas nos corredores da Escola já que haviam sido recentemente substituídas por mobiliários mais novos. Dessa forma, também levantávamos questões referentes à memória institucional frente às grandes transformações que estavam em curso.

O projeto também envolveu a realização de pesquisas sobre a trajetória institucional da ECI e reuniu documentos, objetos e fotografias que estavam dispersos em setores da Escola. Também foram realizadas entrevistas com professores e técnicos administrativos que compartilharam aspectos, histórias, memórias e os sentidos das transformações com a chegada de novos professores e estudantes.

Em 2016, partimos para a terceira exposição curricular do Curso de Museologia da UFMG. Intitulada *UniverCidade Coleciona*, a exposição tinha como proposta reflexiva evidenciar a relação entre a UFMG e a cidade de Belo Horizonte a partir das suas trajetórias, das intercessões e das diferentes coleções que evidenciavam essa relação.

O processo de construção narrativa de tal projeto se norteou em roteiros temáticos que investigaram fragmentos de uma coleção em constante transmutação, incitando, portanto, o debate acerca das possibilidades interpretativas da noção de coleção que se coloca em evidência na paisagem cultural à qual o homem se insere.

A cidade coleciona a universidade. A universidade coleciona a cidade. Dois ambientes circunscritos apresentam-se de maneira co-habitável. Do seu nascimento à consolidação, a cidade coleciona fatos e artefatos, territórios e lugares, histórias e memórias. E dentre suas várias possibilidades, a universidade a compõe em sua coleção. Esta, por sua vez, se apresenta como detentora, produtora e difusora do conhecimento – uma colecionadora dos saberes da cidade.

Naquele momento, a UFMG preparava-se para completar 90 anos de sua criação e, por isso, um dos temas que interessavam era a própria conformação dos espaços físicos da universidade, sobretudo do Campus Pampulha e das unidades acadêmicas que foram sendo criadas ou transferidas. A partir de um processo de pesquisa foram identificados os diferentes projetos arquitetônicos que foram realizados para o Campus, desde a década de 1940 e como estes representavam os projetos de universidade que se sucederam.

14 A professora ministrou em 2014 o *workshop* “Expor (em) Espaços não convencionais: leituras e estratégias” na Universidade do Porto, compartilhando com estudantes, pesquisadores e outros profissionais da área de museologia, história da arte e afins, suas propostas de metodologias de curadoria, investigação e projetos já realizados a partir desse paradigma.

Pensando na materialização de tal temática para a transposição conceitual sobre o espaço expositivo, foram estabelecidas linhas de pesquisa que abarcaram pontos consonantes à reflexão do processo de colecionismo que ligam estes dois ambientes. Foram estas vertentes que delinearam o conceito narrativo: a universidade como lugar da idealização e seu imaginário social; o lugar planejado e construído; o lugar apropriado em sua diversidade social; o lugar produtor de conhecimento e o lugar detentor de bens culturais.

A exposição foi montada no mezanino da Reitoria da UFMG e a pesquisa e seleção de acervo se estendeu por diversos órgãos administrativos da universidade, instituições de salvaguarda (arquivos, bibliotecas, centros de memória, centros de documentação e museus da UFMG e de Belo Horizonte), bem como a observação dos lugares e entrevistas com sujeitos protagonistas da cultura universitária e da cidade. Nesse sentido, a exposição contou com desenhos técnicos, plantas, fotografias e maquetes dos prédios que foram sendo construídos produzidos desde a década de 1940, quando a Pampulha foi escolhida para abrigar a universidade. Também fizeram parte da exposição obras que pertencem ao Espaço Acervo Artístico UFMG, teses e dissertações que tematizaram a cidade, bem como registros científicos como exsicatas de espécies de plantas existentes em Belo Horizonte.

A narrativa também se articulou a partir da ideia de objeto gerador (RAMOS, 2004) com a construção de elementos expositivos como um cubo de pinus e compensado, com partes preenchidas e outras vazadas, remetendo a um barracão de obra, que reuniu registros fotográficos dos operários que participaram da construção do Campus.

A exposição, *Follia: A loucura que sua normalidade não viu*, inaugurada em 2017, dedicou-se a refletir sobre os 30 anos do Movimento da Luta Antimanicomial, marcado pela defesa dos direitos humanos, da liberdade, da saúde e do convívio de pessoas em sofrimento mental. A temática proposta foi catalisada a partir das discussões que se travavam naquele momento na universidade com a definição da política de saúde mental e o fortalecimento da Rede de Saúde Mental. A proposta delineava-se pelo desejo em destacar as diferentes ações, projetos, fóruns, redes que foram conformados ao longo das décadas e que contribuíram com a consolidação da luta antimanicomial, sobretudo em Minas Gerais.

As ações de pesquisa e seleção de acervo foram orientadas a partir de três eixos. O primeiro, patrimônio da loucura, mobilizava uma dimensão histórica para as mudanças de conceito, das práticas e das formas como a sociedade lida com a loucura e com o sofrimento mental. No eixo Arte e Saúde Mental, em parcerias com instituições da Rede de Saúde Mental de Belo Horizonte, foram discutidos a inserção das artes como forma terapêutica e de cidadania. Outro eixo buscou refletir sobre a universidade e a saúde mental com o levantamento da produção científica acerca do tema e a importância das comissões e coletivos atuantes da Rede de Saúde Mental.

A exposição contou com estratégias imersivas, com produções audiovisuais de trechos literários sobre a loucura, com fotografias, documentos, revistas que registraram a realidade dos manicômios e como estes veículos foram importantes para as denúncias em relação a essas instituições em Minas Gerais. Também esteve presente a produção artística de usuários da Rede de Saúde Mental de Belo Horizonte assistidos pelos Centros de Convivência.

A exposição também apresentou parte do arquivo pessoal do médico César Rodrigues Campos, uma das lideranças da reforma mineira e principal articulador das três primeiras edições do Congresso Mineiro de Psiquiatria, na dé-

cada de 1970. Contou com a consultoria de especialistas da universidade, como a professora Maria Stella Brandão Goulart, pesquisadora da reforma psiquiátrica mineira, uma das responsáveis pela Semana de Saúde Mental na universidade.

A exposição integrou as programações da Semana de Saúde Mental da UFMG realizada em virtude do dia 18 de maio - Dia Nacional da Luta Antimanicomial.

Em 2018, a ideia inicial da exposição *Minas Entre Cenas* partiu do desejo de explorar e dar visibilidade ao acervo do cineasta mineiro Igino Bonfioli, pertencente à Escola de Belas Artes da UFMG. Além disso, era importante fortalecer parcerias entre o Curso de Museologia e instituições museais, como o Museu da Imagem e do Som (MIS), equipamento cultural ligado à Fundação Municipal de Cultura.

Os objetos em exposição revelaram o exercício de curadoria e pesquisa que buscou abordar aspectos da cultura cinematográfica em Minas Gerais dando destaque aos processos de produção e recepção cinematográfica. A narrativa expositiva foi construída a partir do desejo de convidar os visitantes a experimentarem as diferentes perspectivas de personagens envolvidos com o ofício do cinema: roteirista, diretor, ator, sonoplasta, projetorista e espectador. Com isso, abordamos aspectos como as transformações tecnológicas envolvidas com a produção do cinema e também provocamos reflexões sobre a recepção dos filmes e do cinema como espaço de sociabilidade e de mudanças no espaço cultural das cidades mineiras, a partir dos registros das salas de cinema de rua, a grande maioria já extinta.

Foram apresentados os principais polos de produção cinematográfica no estado, como Barbacena, Guaraniésia, Cataguases, Juiz de Fora, Pouso Alegre e Ouro Fino, bem como a trajetória dos cineastas mineiros ou que aqui residiram, como Aristides Junqueira, Igino Bonfioli, Paulo Benedetti, os irmãos Masotti, Almeida Fleming, Luiz Brescia, Pedro Comelo e Humberto Mauro.

A partir de um diversificado acervo em exposição como câmeras, projetores, objetos de edição e montagem de películas, revistas e imagens, procuramos provocar a curiosidade e reflexão sobre a memória audiovisual do cinema em Minas Gerais. A exposição foi montada em uma antiga Sala de Cinema, no Bairro Santa Tereza, um dos bairros mais antigos de Belo Horizonte. Os visitantes puderam se envolver com uma narrativa que explorou o “Ofício cinema” imaginando como, em outros tempos, captavam-se imagens e produziam-se as películas que ganhavam as salas de exibição pelas mãos dos projetoristas.

Além do acervo de Igino Bonfioli e do acervo tridimensional do MIS compuseram a exposição uma vasta seleção de imagens, fotografias, revistas e filmes a partir de pesquisas realizadas em arquivos e instituições de referência para a memória audiovisual no Brasil.

A exposição *Cidade Palimpsésica* foi inaugurada em 2019, no Espaço Cultural da CBTU (Companhia Brasileira de Trens Urbanos), localizado no interior da Estação Central do Metrô de Belo Horizonte, tendo sido realizadas também intervenções no corredor Aarão Reis da Estação Central, e nas estações Eldorado, Gameleira, Lagoinha, São Gabriel, Minas Shopping e Vilarinho. A exposição apresentou uma seleção de fotografias de Belo Horizonte, realizadas entre as décadas de 1960 e 1970, que compõem o acervo do Laboratório de Fotodocumentação Sylvio de Vasconcellos, da Escola de Arquitetura e Design da UFMG (LAFODOC). As imagens foram captadas pelos fotógrafos Archimedes Correia de Almeida, Gui Tarcisio Mazonni e Marcos de Carvalho Mazonni como uma iniciativa que buscava subsidiar a pesquisa e o ensino da arquitetura.

O título da mostra remete aos palimpsestos, papiros e pergaminhos que contém vestígios de manuscritos anteriores, raspados ou apagados para permitir a reutilização desse suporte, gerando camadas de escritas e apagamentos. As imagens presentes no acervo permitiam interpretar e repensar a cidade de Belo Horizonte como uma expressão de palimpsesto. Após longas discussões sobre a história de Belo Horizonte como “cidade projetada” a proposta curatorial se dedicou a refletir sobre essa ideia a partir de imagens que indicavam uma cidade habitada e ocupada.

A partir das imagens do acervo é possível perceber que entre demolições e reconstruções, o constante movimento arquitetônico da cidade formou um palimpsesto urbano, cujas consequências das intervenções são múltiplas. A partir dos eixos palimpsesto, espaçamentos, construir e habitar foi possível perceber o crescimento populacional e espacial de Belo Horizonte e o seu processo de verticalização, bem como o aparecimento de bairros e favelas, os diferentes estilos arquitetônicos e as técnicas construtivas empregadas em cada espaço.

Todas as fotografias selecionadas passaram por um cuidadoso processo de pesquisa, o que permitiu, inclusive, a identificação das edificações que foram registradas e já não existem mais. Algumas imagens contemporâneas foram produzidas como releituras, possibilitando, ao visitante, perceber essas transformações.

A escolha do local para exibir a exposição também levou em conta o espaço em que os moradores transitam na cidade. Uma exposição que fala sobre habitar e ocupar precisava ganhar forma em um local onde isso acontece todos os dias, como os corredores do metrô. O objetivo era alcançar todo tipo de público, principalmente trabalhadores da cidade.

Alguns meses após a inauguração no centro de Belo Horizonte, a exposição ganhou um formato itinerante e foi montada no Centro Cultural da UFMG e na Escola de Arquitetura como forma de disseminar o rico acervo pertencente à UFMG e levantar questões referentes à cidade, sua história e transformações.

Desafios expositivos no contexto da pandemia

A concepção da exposição *Confluências: a vida de João das Neves* se iniciou no segundo semestre de 2019 e as questões políticas que marcavam aquele momento suscitaram a discussão sobre o período da ditadura militar. A partir desse interesse, reconhecemos a potencialidade de propor uma exposição a partir do arquivo pessoal do dramaturgo João das Neves, sob a custódia da Divisão de Coleções Especiais e Obras Raras da Biblioteca Central da Universidade Federal de Minas Gerais – DICOLESP/UFMG. O acervo foi doado pelo próprio dramaturgo que entendia que tantos registros de trajetória e dos grupos teatrais que ele criou e articulou, não poderiam se perder. Desta forma, como forma de promover a arte e a memória do teatro, compreendeu a importância de levar a uma instituição pública este valioso acervo que poderia ser objeto de ações de pesquisa, ensino e extensão.

Naquele momento, o acervo passava por processo de conferência e organização em disciplinas relativas a arquivos pessoais, ofertadas pelo Curso de Arquivologia. O processo de pesquisa que orientaria a concepção da exposição iniciou-se com a realização de visitas à Biblioteca Central da UFMG. Para o reconhecimento mais completo do acervo recorreremos às planilhas elaboradas

no processo de doação, organizadas a partir de categorias documentais como fotografias, documentos e periódicos.

Ao longo do processo de pesquisa também foram sendo aprofundados os conhecimentos sobre a produção e a trajetória de João das Neves, partindo do período de sua atuação no Grupo Opinião e, posteriormente, as experiências em outros estados, como no Acre e em Minas Gerais. Também recorreremos a pesquisas de mestrado e doutorado que tematizam um aspecto ou a própria trajetória do João das Neves, ou então alguma peça específica, bem como a pesquisadores que conheciam a trajetória do dramaturgo e que nos chamaram atenção para a importância de sua obra nacionalmente.

A partir dessa documentação seria possível contar aspectos de sua rica e multifacetada trajetória, explorando as produções artísticas e experiências com o teatro. Como primeiro exercício de curadoria a turma foi dividida em grupos que se dedicaram à pesquisa a partir das décadas da produção de João das Neves, partindo do ano de 1965. Com essa organização foi possível fazer um mapeamento das principais peças e selecionar registros de cada uma delas, tais como textos, fotografias, documentos de censura, cartazes, correspondências e recortes de jornais de cada uma.

Logo após o início do semestre letivo em 2020, as aulas foram interrompidas devido à pandemia de Covid-19. Ao serem retomadas as atividades acadêmicas no regime remoto emergencial a exposição precisou ser repensada para o ambiente virtual. Sendo a primeira experiência do curso nesse formato e com poucas exposições análogas que poderiam contribuir com aspectos técnicos e conceituais, foi preciso discutir questões relativas às plataformas a serem utilizadas, propostas educativas e de comunicação para o ambiente virtual, os recursos gráficos que seriam utilizados e, sobretudo, como poderíamos, a partir de uma plataforma virtual, propor diferentes formas de interação e fruição para os visitantes.

Outro aspecto que se apresentou como questão foi a limitação relativa ao acervo e à seleção que havia sido proposta inicialmente. Conseguimos acesso apenas às fotografias que foram digitalizadas previamente em um projeto. Dessa forma, o exercício de curadoria e de seleção de acervo precisou ser revisto.

Em relação à proposta curatorial, partiu-se da ideia de se relacionar um rio e seu percurso com a trajetória do dramaturgo, que se estendeu de Minas Gerais a vários estados do país. A partir daí, os módulos se dariam como afluentes, cada um deles representando uma vertente da vida de João das Neves: Realidade, Recriação, Reunião, Repressão e Resistência. Cada documento, foto e recorte foi pensado de forma a evidenciar a criação peculiar que revela a sua capacidade de reunir pessoas e pensar a realidade a partir do teatro.

Para a definição do acervo que iria compor a exposição, foram realizadas diversas pesquisas, tanto na coleção de João das Neves, como na internet e através de conversas com pessoas que fizeram parte da sua vida, buscando as obras mais importantes de sua carreira e suas principais referências artísticas. Graças a essa pesquisa minuciosa, por exemplo, conseguimos criar a identidade visual da exposição coerente ao conceito curatorial.

É importante lembrar também que as ações educativas e de divulgação foram criadas e adaptadas para a exposição virtual. Pensando nesse contexto, a turma optou também por criar um *Instagram* onde diariamente eram postadas atualizações, curiosidades, sorteios e entrevistas com personalidades que, de certa forma, estavam presentes na vida de João das Neves. A partir do *site*, os visitantes podem conhecer mais a fundo cada módulo proposto e entender um

pouco melhor dos “afluentes” da exposição, bem como ter acesso à entrevistas sobre o acervo doado à DICOLESP e o seu potencial para pesquisas e ações formativas¹⁵.

Arte (a) Caminho, inaugurada em setembro de 2021, foi uma exposição concebida durante a pandemia de COVID-19, portanto de forma remota. Sua proposta curatorial envolveu obras do Acervo Artístico UFMG (AAUFMG) com foco naquelas expostas em espaço aberto no Campus Pampulha. Com objetivo de valorizar esse importante conjunto, a exposição propunha-se a dar visibilidade e reconhecimento para estas obras, bem como chamar atenção para produção artística na história da instituição reconhecendo a importância de docentes e estudantes tais como Yara Tupinambá, Sylvio de Vasconcellos, Jarbas Juarez, Wilde Lacerda, Fabrício Fernandino, José Amâncio e Rachel Roscoe.

A escolha da temática e do acervo a ser privilegiado foi influenciada pelo contexto da pandemia uma vez que, por conta do confinamento social em vigor, as obras instaladas nos espaços externos e jardins estariam em mais fácil acesso, pois não tínhamos permissão de uso dos espaços fechados da universidade. O passo seguinte à esta definição foi mapear, a partir dos registros existentes e de visitas aos locais, as 24 obras que passariam a integrar a exibição. A partir de então, os estudantes, organizados em grupos, dedicaram-se à aprofundar e reunir informações sobre o acervo, desenvolver uma proposta de abordagem conceitual e a concepção de plataforma expositiva virtual.

A pesquisa das obras, elaborada em conjunto com o AAUFMG, partiu de um levantamento completo da documentação e do histórico de cada peça e seus autores. Como resultado, além de farto material para a produção de texto curatorial, legendas, educativo e mídias sociais, foi possível realizar a inserção de novos dados na plataforma de gestão de acervos InArte, adotada pela instituição.

Carlos Drummond de Andrade (1948) escreveu: “*Caminho por uma rua que passa em muitos países, se não me vêem, eu vejo, e saúdo velhos amigos*”, inspirando a proposta curatorial. Para facilitar o passeio por este caminho, optou-se por dividir a exposição em cinco territórios agrupando as obras de acordo com a sua localização e cada um desses territórios recebeu cor, logomarca e identificações características.

A disposição das peças em uma área muito ampla no Campus Pampulha levou a curadoria a pensar a exposição como um caminho e no meio do caminho havia a arte. Em tempos de distanciamento social, a exposição foi concebida como um convite a desvendar o vínculo que se estabeleceu entre as obras e a natureza que camufla e integra a arte no Campus. Optou-se por mostrar as obras integradas ao espaço e a relação de reciprocidade existente entre eles através da reconstrução da ambiência ali presente com o intuito de diminuir as distâncias daqueles que no momento estavam afastados, assim como apresentar o espaço e despertar o sentimento de pertencimento nas centenas de alunos que há meses faziam parte da instituição, mas não usufruíam dela fisicamente.

O projeto gráfico da exposição contou com a participação de estudantes do curso de Artes Visuais da Escola de Belas Artes cuja identidade apoiou-se nas cores e elementos visuais presentes no campus e nas obras integradas.

15 A exposição também contou com uma programação associada dentre elas a Live “*O presente e o futuro das exposições curriculares dos Cursos de Museologia*”, realizada em 04 de novembro de 2020. Nesse evento participaram estudantes e docentes de Cursos de Museologia de várias universidades brasileiras e, naquele momento, foi possível compartilhar experiências e pensar em ações articuladas em relação às exposições curriculares, incluindo a organização de publicações.

Como demonstrado acima, uma exposição virtual requer os mesmos passos preliminares de uma exposição tradicional: definir os objetivos, escolher o tema, pesquisar os acervos, apresentá-los em seu contexto e garantir a comunicação para uma boa fruição. A principal diferença consiste no espaço expográfico pelo qual se faz a extroversão desse processo. O *site* desenvolvido proporciona uma fluidez muito grande durante a visita. Tentar captar a atenção do público por um tempo mais prolongado foi o maior desafio da sua produção. Foi preciso pensar em como apresentar o acervo de forma mais atraente possível para que o visitante permanecesse tempo suficiente para visualizar a proposta curatorial. Assim, decidiu-se em usar a nosso favor aquilo que seria uma dificuldade numa exposição presencial: a dispersão das obras por um espaço muito amplo.

Era preciso pensar num formato onde o visitante pudesse passear pelo o espaço admirando todas as obras num tempo curto. Muitas foram as propostas, estudos e ideias colhidas para a criação do *site*, mas poucas eram exequíveis diante do tempo e condições disponíveis. A participação de um aluno do curso de ciências da computação foi importante no direcionamento das ideias viáveis agilizando o processo criativo e a sua construção.

Foram realizadas várias sessões de filmagens e fotos das obras em diferentes horários do dia. Na tentativa de reproduzir a ambiência do local captou-se o som dos pássaros, do vento e da natureza que imperava de forma solitária no espaço naqueles dias de confinamento. Com extenso material audiovisual à disposição, decidiu-se pela construção de dois itinerários expositivos, dois caminhos para apreciar a arte do *campus* através do *site*. O primeiro deles voltado para um público que deseja fazer uma visita mais curta: disponibilizou-se na página inicial um mapa interativo com a localização de todas as 24 obras que compõem a exposição e por onde esse visitante acessa todo o acervo de forma rápida. É possível clicar nos ícones dispostos no mapa e visualizar uma foto da obra e as informações mais básicas como nome, autor e localização. E caso deseje, ao pressionar a foto será direcionado para uma outra página onde encontrará mais informações relevantes sobre a mesma. O segundo percurso foi pensando para um público que permanece mais tempo no espaço digital. Aqui ele passeia pelos territórios. O visitante ao sair da página principal por um dos territórios que compõem a exposição, conhece todas as obras que nele encontram-se inseridas. Deste território ele poderá acessar os outros quatro num passeio imersivo pelo *campus* Pampulha e suas obras.

O isolamento social, assim como as dificuldades compelidas pelo ensino a distância, se apresentaram durante todo o processo de concepção e execução da exposição como obstáculos contínuos a serem transpassados. O desenvolvimento do processo mostrou que quando a exposição curricular está relacionada ao mundo digital, ela exige soluções que associam as práticas museológicas às práticas digitais.

No tocante às ações podemos destacar a Oficina de Desenho e a Oficina Sensorial Corpo e Sensibilidade, que tinha por objetivo levar a reflexão sobre a importância dos sentidos na compreensão de uma obra de arte, e dois seminários online (*webinar*): Arte a Céu Aberto - desafios para a extroversão e preservação e Exposições Como Processos de Investigação.

A proposta temática para a exposição de 2022 *Imprensa à Cores: bastidores da resistência*, foi apresentada aos alunos durante uma aula com a participação do pesquisador da memória LGBTQIA +, Luiz Morando, que havia doado parte de seu acervo ao Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBTQ da

UFMG. O acervo, composto principalmente por recortes de jornais, panfletos e revistas de todo país e alguns internacionais, foram reunidos a partir de interesses de pesquisa.

A formulação da exposição curricular teve início em 2021 e nos primeiros meses de 2022, período no qual ainda persistia a pandemia de Covid-19 e conseqüentemente, ainda vigorava o ensino remoto emergencial. Apesar dessas limitações, foi possível realizar algumas atividades presenciais que permitiram o reconhecimento do acervo sob a guarda da Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG. O acervo ainda encontra-se em fase de organização e, por isso, os documentos estão organizados em caixas e pastas sem descrição detalhadas que pudessem facilitar o trabalho de seleção. Como processo de criação coletiva, durante as aulas, os alunos entenderam que seria importante estabelecer um recorte geográfico e alguns eixos temáticos a serem explorados. Dessa forma, optou-se por abordar sobre como a comunidade LGBTQIA + era abordada em revistas e jornais, tendo como foco os recortes do estado de Minas Gerais.

O exercício inicial de pesquisa no acervo consistiu em identificar o potencial do mesmo e buscar os subtemas mais relevantes para que estes pudessem ser apresentados na exposição. A coleção é composta, principalmente, por recortes de jornais e outros veículos de comunicação impressos de variadas perspectivas editoriais, sobretudo a partir da década de 1980 e que permitem refletir acerca de como a comunidade LGBT era apresentada na mídia considerada tradicional, sendo possível apontar transformação na forma em como era retratada nos jornais. O acervo também contempla diversas revistas e folhetos feitos por pessoas da comunidade e para a comunidade, sendo possível notar diferenças tanto na forma da escrita quanto no conteúdo das matérias, mobilizados como importantes formas de mobilização e defesa dos direitos.

O trabalho de pesquisa no acervo permitiu o reconhecimento dos temas mais recorrentes e que repercutiram na definição de módulos temáticos. O primeiro deles, “Fique ligado! Sexo seguro: entendido?” procurou selecionar informativos, cartilhas, cartazes e outros formatos impressos voltados para a promoção à saúde e difusão de informações, combate ao preconceito e conscientização em relação a Infecções sexualmente transmissíveis (IST). Foram expostos material de divulgação produzido por entidades civis, como o Centro de Luta Pela Livre Orientação Sexual (CELLOS) e o Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS (GAPA), além de órgãos governamentais como a Secretaria Estadual de Saúde, o Ministério da Saúde e o SUS. Destaca-se também o Projeto Horizonte, grupo de pesquisa, intervenção educativa e prevenção à AIDS, criado na UFMG, em 1994.

O segundo eixo “Caia na Gandaia” apresentava os locais diversos de sociabilidade LGBTQIA + em Belo Horizonte a partir de registros como mapas dos points da cidade, panfletos, revistas e cartazes. No terceiro eixo, “Tá ouvindo esse barulho?”, abordava as décadas de lutas sociais e o fortalecimento do ativismo pela garantia de direitos para a população LGBTQIA +, movimentos que ajudaram a comunidade a obter conquistas contínuas. Neste módulo, foi possível evidenciar variados marcos destas transformações e conquistas, como por exemplo o direito garantido por lei ao nome social, as cirurgias de redesignação de gênero, a criminalização da homofobia, e as discussões sobre o direito ao casamento homoafetivo.

O projeto gráfico para a exposição e a identidade visual foram construídas a partir dos elementos visuais que compunham o acervo, fazendo uma

relação direta com as cores e formas de impressão presentes nas redações das revistas e outros veículos impressos produzidos nos bastidores do movimento.

Modos de exhibir, maneiras de pensar

O exercício de escrita do presente texto para além de um interesse de registro dos processos expositivos experimentado por professores e estudantes do Curso de Museologia da UFMG é também uma possibilidade de propor reflexões sobre a temática das exposições e como, pouco a pouco, foram se construindo pensamentos, questões, aproximações, associações e também evidenciando-se lacunas sobre o fazer expositivo. Esta possibilidade de abordagem ajuda a elaborar e refletir sobre essa difícil conciliação, mas também instigante e importante, de atuar em duas direções que, muitas vezes, parecem fissuradas ou distintas. A primeira que se move em direção à historicidade dos modos de exhibir e a segunda que catalisa, contemporaneamente, processos que irão desencadear a construção de narrativas expositivas e a criação de técnicas expositivas.

As práticas de formação relacionadas às exposições que buscamos fortalecer na museologia buscam, justamente, conciliar reflexões nessas duas direções. Ou seja: nos orientamos pelo desejo de decapar os gestos que envolvem o fazer expositivo, buscamos historicizá-los, desnaturalizá-los. Essa perspectiva pedagógica nos permite conhecer as formas como outros personagens, profissionais, curadores, conservadores, museólogos e outros tantos sujeitos manejavam e manejam o fazer expositivo. Partimos, portanto do interesse de buscar compreender os modos de exibição e o fazer expositivo, mobilizando para isso, uma perspectiva temporal (SEGANTINI, 2015).

Os argumentos aqui compartilhados, embora ainda de forma provisória, reforçam o interesse de se pensar as exposições como campo de investigação. Estaria conformado, esboçado, delineado um campo de estudos que se dedica à historicidade das exposições e também à ação expositiva? Haveria, no entorno desse movimento reflexivo, propostas metodológicas, reflexões sobre fontes, repertório de perguntas, interesses já adensados? Refletir sobre as formas de exhibir torna-se, pouco a pouco, tarefa complexa e, por isso, é preciso reconhecer múltiplas possibilidades de abordagens e diálogos para uma compreensão mais alargada sobre a linguagem visual dos museus e das exposições.

Embora o texto tenha se dedicado a um passado recente, que comporta, inclusive, uma dimensão memorialística e de registro, o exercício de escrita permitiu criar conexões, realizar costuras possíveis e deixar espaços para interrogações. Embora aparentemente distintos, todos esses processos vivenciados permitiram aos envolvidos no processo explorar três componentes fundantes das exposições: espaço, obra/objetos/coleções e técnicas expositivas¹⁶.

Outro ponto que se evidencia ao nos dedicarmos ao ensino e à aprendizagem do fazer expositivo, são as possibilidades de se estabelecer diálogos a partir da realização de um trabalho coletivo e de encontros entre saberes.

16 É importante ressaltar que no contexto de comemoração dos 10 anos do Curso de Museologia foi realizado, em 2020, um evento em formato virtual e integrou a programação uma mesa intitulada “Exposição Curricular do Curso de Museologia UFMG/Experiências”, que contou com a presença dos estudantes Dalva Pereira dos Reis, Lucio Flávio Silva, Lucas Ferreira de Vasconcellos, Daniela Barbosa, Igor Candido Costa, Lucinéia Maria Bicalho, Elizabeth Castro Moreno, Isabella Rocha Leão, Victor Zannini, Maxwell Pego. Na oportunidade os estudantes puderam compartilhar suas memórias e reflexões sobre os processos expositivos que participaram. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ga515akw04o&t=373s> (consulta feita em 02 de abril de 2023).

Em todas as experiências aqui relatadas observa-se uma dificuldade inicial de construção de um projeto comum, dada à diversidade de interesses e vontades. Contudo, a complexidade do processo, que permite a experimentação de diversas linguagens e conexões com diversos saberes e áreas de conhecimento correlatas ao fazer expositivo, permite que os estudantes e demais participantes se identifiquem às atividades que lhes são mais afeitos. Como perspectiva pedagógica buscamos reforçar a ideia e também a prática de uma curadoria coletiva, sem estabelecer hierarquias entre grupos e estudantes que se dedicam às várias ações necessárias que perpassam a definição de uma temática, a pesquisa e seleção de acervos, a construção de argumentos textuais, o desenho de uma solução expositiva e o desenvolvimento de projetos auxiliares tais como comunicação e ação educativa. Dessa forma, partimos de uma diretriz necessariamente, coletiva, interdisciplinar e de reconhecimento de múltiplos saberes, aspectos fundamentais para a vida profissional dos futuros museólogos.

Finalmente gostaria de sublinhar a partir dessas ações expositivas aqui relatadas que experimentamos no tempo presente, que vivemos uma pulverização ou diversificação dos modos de exibir, da ampliação daquilo que se privilegia como superfícies ou plataformas expositivas e também das formas e modos assumidos pelas exposições contemporaneamente. Privilegiar a discussão sobre esse fazer e as diferentes formas que assumiu e assume é fundamental para a decapagem das escolhas que se faz nos processos de curadoria e desenho expositivo. Se toda exposição se conforma como um projeto de investigação, esta revela maneiras de pensar. “*Compor, dispor, recortar, fixar, eleger, reunir, fragmentar, montar, curar, desenhar, significar. Eleger objetos, ideias, frases, palavras. Conformar narrativas. São gestos implicados no fazer das exposições*”, (SEGANTINI, 2015) portanto, resultante das formas como nós mobilizamos repertórios, métodos, escolhas e disputas.

Referências

BRUNO, Cristina; ARAUJO, Marcelo. *Exposição museológica: uma linguagem para o futuro*. Comunicação no Colóquio do ICOFOM/ 89. XV Conferência Geral de Museus do ICOM, 1989.

DESVALLÉE, A., MAIRESSE, F. *Conceitos-chave de Museologia*. São Paulo: Armand Colin; Comitê Internacional para Museologia do ICOM; Comitê Nacional Português do ICOM. 2013.

DUARTE, Alice. Nova Museologia: os pontapés de saída de uma abordagem ainda inovadora. *Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio – PPG-PMUS Unirio | MAST - vol. 6 no 1 – 2013*.

FERREIRA, Maria De Simone. Acervos Museológicos em Ambiente Digital. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade* Vol. 10, n.º especial, Set. de 2021. p. 9 a 12.
HENRIQUES, R.; LARA, L. F. Os Museus Virtuais e a Pandemia do Covid19: a experiência do Museu da Pessoa. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade* Vol. 10, n.º especial, Dez. de 2021. p. 209 a 220.

LIMA, Zamana Brisa Souza. Cultura Digital: Novas Perspectivas, Novos Patrimônios. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade* Vol. 10, n.º especial, Dez. de 2021. p. 117 a 127.

Exposições Curriculares do Curso de Museologia da UFMG:
experiências e desafios

MARQUES, R. C.; SEGANTINI, Verona C. Rede de Museus da Universidade Federal de Minas Gerais. In: Nascimento, Adalson; Moreno, Andrea. (Org.). *Universidade, memória e patrimônio*. 1ª ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2015, v. 1, p. 31-44.

MOREIRA, Samantha Cidaley de Oliveira; ABREU, S. M. ; SILVA, Thaíse F. B ; MEDEIROS, Vivianne N.A. ; LEITE, Romaine S . Caminho possível para o desenvolvimento de projeto de design de ambientes: uma possibilidade. In: *P&D Design Congresso Brasileiro de Pesquisa e Desenvolvimento em Design*, 2008, São Paulo.

MOREIRA, Inês. OMA/Progress: the exhibition as a question mark, not as a statement. In: Baía, Pedro (ed). *Koolhaas Tangram*. Porto: Circo de Ideias, 2014.

MORAES, Julia Nolasco Leitão. Exposição Curricular em tempos de pandemia e ensino remoto: a Comunicação Museológica frente aos desafios e potencialidades da Cultura Digital no ensino em Museologia. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade* Vol. 10, n.º especial, Dez. de 2021. p. 295 a 316.

UZEDA, Helena. As Exposições Curriculares como parte do ensino de Museologia: adaptação de modelos europeus e as práticas acadêmicas experimentais na UNIRIO. *Revista Museologia & Interdisciplinaridade*. Vol. 9 n.º Especial, 2020.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. *A danação do objeto: o museu no ensino de História*, Chapecó, Argos, 2004, 178 p.

RICO, Juan Carlos. *Documentos 16: Proyecto de Investigación Museográfica (1986-2015)*. Madri: JCR21 OFFICE Editions, 2015.

SEGANTINI, Verona Campos. *Maneira decente e digna de expor aos olhos do público: modos de exibição da história natural (séc. XVIII e XIX)*. 2015. 280 f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

SEGANTINI, V. C.. Desafios para a extroversão do patrimônio cultural universitário: fazer expositivo como projetos de investigação. In: Meily Assbú Linhales; Diogo Rodrigues Puchta; Maria Cristina Rosa. (Org.). *Diálogos transnacionais na história da educação física*. 1ª ed. Belo Horizonte: Fino Traço, 2019, v. 1, p. 259-272.

Recebido em 03 de abril de 2023.
Aprovado em 24 de maio de 2023.